

NOS CAMINHOS DA HISTÓRIA SOCIAL: OS DESAFIOS DAS FONTES ORAIS NO TRABALHO DO HISTORIADOR*

*Heloisa Helena Pacheco Cardoso***

RESUMO: Este texto apresenta reflexões sobre o uso das fontes orais na história social, com o intuito de compartilhá-las com outros historiadores que lidam com essa temática. Pensar as mudanças nas formas de lidar com as narrativas orais como efeitos positivos da chamada crise da história e da historiografia, acentuada nos anos de 1980, foi o nosso ponto de partida para analisarmos como as noções de experiência e sujeito são essenciais na interpretação do que as pessoas narram.

PALAVRAS-CHAVE: Fontes orais. Experiência. Sujeito.

ABSTRACT: This paper presents reflections regarding the use of oral sources in the area of social history, with the aim to share the information with other researchers. To think of the changes that occurred in the handling way of the oral narrative like the positive effects in the history crisis and the historiography, increased during the 1980s, we started to analyze how the experience and the subject are essential in the interpretation of what people tell.

KEYWORDS: Oral sources. Experience. Subject.

* Uma versão preliminar deste texto foi apresentada como comunicação no XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética, ocorrido em Fortaleza em julho de 2009.

** Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Doutora em História pela Universidade de São Paulo.

Narradores da História. Como a tradição oral preserva o passado: com esse título a Revista da Cultura, uma publicação da Livraria Cultura, de fevereiro de 2009, traz o tema da história oral, indicando-nos que ela hoje é um caminho comum, utilizado tanto no jornalismo quanto em outras áreas, incluindo na dos profissionais de História. Muito do que se diz para justificar a importância das narrativas orais se prende à noção de testemunho, no qual os narradores seriam confirmadores dos acontecimentos, sugerindo a possibilidade de resgate do passado.

Para além de procedimentos de como realizar uma entrevista, sua transcrição, os cuidados legais para sua utilização, lidar com o oral como fonte requer posicionamentos teóricos que ultrapassam a própria fonte e nos levam a refletir sobre como entendemos o conhecimento histórico e a História. Longe de ser um recurso que possibilita conhecer o que os documentos escritos não dizem, ou incorporar dados até então não conhecidos sobre determinado assunto, as narrativas orais permitem compreender experiências sociais compartilhadas em tempos cruzados, ou seja, o do acontecido e o do relato, como também estabelecer relações dialógicas entre entrevistados e entrevistadores que ultrapassam a busca pela veracidade dos fatos.

Voltemos ao subtítulo da chamada de capa da Revista da Cultura. Nele existem duas palavras emblemáticas: tradição e passado. Elas nos remetem à noção de que o passado pode ser recuperado e que a História, enquanto área de conhecimento, seria encarregada de fazê-lo. Marc Bloch já afirmava, em texto publicado em 1949, que “a própria ideia de que o passado, enquanto tal, possa ser objeto de ciência é absurda”.¹ Trazendo a necessidade de reflexão sobre o presente como uma questão importante, o autor alerta para a impossibilidade de se entender os acontecimentos fora desta relação, afirmando que “a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez

¹ BLOCH, Marc. *A apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p.52.

não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente”.²

A noção de passado vinculada a de tradição, com o sentido do que pode ser preservado, nos remete a um tempo marcado pela permanência, pela continuação. O tempo da História, ao contrário, é o da mudança, das transformações, onde continuidades e descontinuidades marcam o fazer histórico. Quando trabalhamos com os acontecimentos, buscando interpretá-los, nos defrontamos com visões diferenciadas, algumas predominantes, outras esquecidas. São memórias registradas em jornais, processos-crime, depoimentos, crônicas e outros, que se transformam em objeto de nossa investigação, possibilitando-nos compreender os sentidos do que foi vivido à luz das preocupações do tempo presente.

Todas essas questões requerem reflexões mais profundas, que ultrapassam a discussão restrita do que é história oral. Lidando com narrativas orais enquanto fontes, o nosso olhar de historiadores nos indica a necessidade de uma explicitação da nossa compreensão sobre a História e da nossa relação com a historiografia, que se constitui no resultado da produção do conhecimento em suas várias possibilidades.

As interpretações dos historiadores sobre o processo histórico, que nos levam a entender as configurações do que estamos vivendo neste primeiro decênio do século XXI, têm apontado para um lugar comum: a identificação de um momento de crise, que se iniciaria nos finais dos anos de 1960 e teria nos anos de 1980 seu ponto mais alto, provocando um repensar e uma renovação do pensamento historiográfico.

Esse tempo é reforçado por autores que têm como pressuposto a noção de que a historiografia, como interpretação, nos diz da inserção social dos historiadores, o que orienta os seus interesses para determinados problemas e pressupostos de análise. A crise da História é justificada pelo desencanto com a realidade, ceticismo na crença do progresso, descrença na revolução com o

² *Ibidem*, p. 65.

fim do socialismo. Os efeitos desse desencanto parecem ter sido positivos quando a reflexão atinge a produção do conhecimento e a História busca a valorização das experiências humanas nas suas diferenças e nos seus embates.

Ao fazer um balanço das tendências da historiografia contemporânea, Calazans Falcon³ destaca a noção de crise como uma explicação para os problemas enfrentados pelos historiadores na produção do conhecimento, com o abandono das grandes narrativas explicativas, apoiadas no determinismo historicista e na racionalidade do processo histórico. As novas abordagens, na medida em que questionam a totalidade, destacam o papel dos indivíduos na história, pessoas e grupos, o que o autor denomina de “retorno do sujeito”.

Uma questão importante levantada por Falcon na noção de crise é quanto a sua natureza, ou seja, a presença de uma confusão entre dois processos distintos: a crise da História e a crise da Historiografia. A primeira diz respeito ao processo real, aos acontecimentos, onde se destaca o chamado fim do socialismo do final dos anos de 1980; a segunda refere-se à necessidade de renovação do pensamento provocada pelas mudanças no mundo contemporâneo. São dois processos interligados e ao mesmo tempo distintos. Na análise dessa relação entre História e Historiografia, o autor observa:

A noção de “crise da História” enquanto referência aos problemas que afetam a historiografia contemporânea tem sido entendida entre nós de uma forma fragmentária e pragmática com ênfase nas novidades temáticas e indiferença em relação a desconstrução do discurso histórico. Como consequência, a historiografia brasileira continuou fiel aos pressupostos metodológicos do “realismo histórico” a começar pela referencialidade extradiscursiva do discurso

³ FALCON, Francisco José Calazans. Teoria e história da historiografia contemporânea. In: ARRUDA, José Jobson e FONSECA, Luís Adão da (Org). *Brasil-Portugal: história, agenda para o milênio*. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo: FAPESP; Portugal, PT: ICCTI, 2001, p. 583-613.

histórico — a História como representação verdadeira.⁴

Os resultados desses embates demonstram reações historiográficas variadas, ainda em movimento, manifestos na recusa à totalidade, na fragmentação temática, no desprezo pela reflexão teórica, na revalorização das fontes. Há, no entanto, um aspecto que une as diferenças: a busca da subjetividade, que passa a ocupar um lugar importante nas reflexões e, nelas, o historiador assume também o seu papel de sujeito na história.

Nos anos de 1980, a questão do sujeito esteve muito associada ao tema do trabalho. Muitas pesquisas foram produzidas, não só na área de História, mas nas Ciências Humanas de uma forma geral, refletindo sobre as relações de trabalho nas empresas e as conformações ou resistências dos trabalhadores aos processos de dominação. Ganharam maior visibilidade as reflexões sobre as noções de experiência e sujeito buscadas nas leituras de E. P. Thompson. A publicação de *A miséria da teoria*⁵ impactou a História Social, como demonstram tanto as adesões quanto as reações que assistimos hoje, provocando investimentos na busca de novos caminhos de análise no campo da História.

Em *Experiência: o termo ausente*, o autor ressalta que, ao fazer o diálogo com o marxismo, a proposta não é substituir uma noção por outra, mas pensar que assim como a realidade é dinâmica e não se encaixa em modelos, também os conceitos não estão prontos em algum lugar, ou autor, para serem utilizados. Ao se referir a experiência como o termo que falta e sua incompatibilidade com uma teoria da história estática, totalizadora, que desconhece vivências de homens e mulheres no social como campos de reflexão, observa que “essa procura da segurança de uma teoria perfeita, totalizada, é a heresia original contra o conhecimento. Essas perfeitas criações idealistas, magnificamente costuradas com

⁴ *Ibidem*, p. 606.

⁵ THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

um ponto conceitual invisível, acabam sempre na banca de liquidação. Se Marx tivesse realmente criado uma Teoria assim, ela já estaria no balcão das pechinchas, juntamente com Spencer, Dühring e Comte, de onde seria resgatada por algum estudante em busca de um material bizarro para costurar sobre seu jeans de doutorado⁶. A sátira aqui é pertinente a uma chamada de atenção para os nossos procedimentos na construção do conhecimento histórico.

Talvez o nosso maior aprendizado com as leituras de E. P. Thompson seja a noção de que os nossos caminhos de análise estão sempre em construção, as noções que nos ajudam a interpretar são constantemente refeitas. A teoria não é uma receita mágica para os nossos problemas ou questões de investigação, porque afinal elas são nossas. Nesse sentido é que destacamos a atualidade das reflexões deste autor.

Ainda hoje, quase 30 anos depois da publicação de *A miséria da teoria*, os debates sobre *experiência* e *sujeito* ainda instigam os historiadores. Entendemos que lidar com essas noções significa inseri-las em um processo constante de ir e vir das evidências para as formulações teóricas, não as tomando como algo coerente e unificado que sobrepomos a qualquer realidade. No momento em que pensamos experiências sociais no âmbito da cultura reconhecemos e analisamos modos de viver nas suas diversas formas, em suas contradições e embates e nos caminhos que propõem, respeitando e valorizando as pessoas nas suas diversidades. Na experiência social emergem valores, sentimentos, opções, como também ações e refletir sobre esse social nesta perspectiva significa transformá-lo em questões de investigação, problematizando seus comos e porquês.

Em *A dialética invertida: 1960-1990*, Emília Viotti da Costa⁷ apontou esse tempo como período de surgimento de novas ten-

⁶ *Ibidem*, p. 183.

⁷ COSTA, Emília Viotti da. *A dialética invertida: 1960-1990*. *Revista Brasileira de História*. Brasil: 1954-1964. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 14, n. 27, 1994, p. 9-26.

dências no campo da História que questionavam posturas anteriores, apoiadas em esquemas teóricos que não eram mais capazes de dar conta da realidade. O renovar da historiografia trazia a necessidade de compreensão da vida dos indivíduos em sociedade. No duplo movimento de combater as abordagens tradicionais e propor novas tendências, os equívocos foram muitos. No primeiro caso, as recusas levaram historiadores a reproduzir abordagens estruturalistas desconhecendo as transformações do mundo contemporâneo. No segundo, preocupados em demolir essas abordagens, advogam o novo muitas vezes desprovidos “de referenciais necessários para que ele (historiador) possa se situar no presente e projetar a construção de uma sociedade mais livre e mais justa”.

A autora aponta uma ruptura epistemológica na historiografia, fruto das mudanças que afetaram a sociedade a partir daqueles anos. O novo se caracterizaria pela crítica às abordagens estruturalistas e pelo surgimento de outras análises com ênfase na subjetividade dos agentes históricos, o que abriu espaços para a valorização da chamada *história oral*, campo que foi considerado um “gênero favorito”, resultando em uma proliferação de estudos apoiados em depoimentos e entrevistas.

Costa é bastante crítica em relação a essas novas abordagens, nem sempre novas. Ao “privilegiar o acidental, o imprevisível, o inesperado, o irracional, o espontâneo”, chega-se ao ponto de “negar pura e simplesmente a existência de um processo histórico”, nos diz a autora. Em relação às pesquisas apoiadas em entrevistas e depoimentos, a crítica se volta para a “confusão de subjetividades”, quando o enfoque é voltado para que “cada um conte a sua verdade”: nessa elaboração, o historiador deixa de ser sujeito em sua própria pesquisa para se limitar a registrar as diversas versões apresentadas pelos seus narradores, anulando também a reflexão teórica como pressuposto de suas análises.

As ponderações de Emília Viotti acontecem em um momento em que essas questões trazem para o debate as noções de experiência e classe social. Buscando pensar os sujeitos sociais na dinâmica em que vivem, procura-se abordar estas noções no modo como uma condição de classe é vivida, portanto em processo de

mudanças, alterada por cortes, cruzamentos, combinações que não estão dados previamente.

Nessas colocações situamos o leque de possibilidades da história social, sinalizando para um movimento constante de abertura de novas interpretações. Compreender como o mundo social é (re)construído pelas pessoas nas suas relações sociais traz para o campo da reflexão as experiências vividas pelos diversos sujeitos, inserindo na História os que vivem à margem da cultura dominante, não como grupos isolados a quem damos voz porque excluídos, mas como homens e mulheres que reconstróem cotidianamente suas experiências nos debates diários com outros sujeitos, dominantes ou não. Em qualquer situação encontramos sujeitos sociais em movimento, refazendo-se enquanto grupo ou indivíduo, reelaborando valores, reivindicando direitos, lutando por hegemonia, ou seja, refazendo-se no social.

Se é esta a nossa compreensão da vida social, como temos trabalhado com a multiplicidade de sentidos e com as diversidades nas nossas pesquisas? Os nossos investimentos nas fontes orais têm nos propiciado ultrapassar fronteiras marcadas pela teoria, lidando com memórias e experiências nas suas contradições e tensões, valorizando as diversas trajetórias no papel que exercem no social?

Concordamos com Yara Aun Khoury quando a autora afirma que “processos sociais criam significações e que essas se instituem em memórias”, o que nos leva a “explorar os processos sociais de constituição da história e da memória em suas múltiplas relações e como essas alimentam e realimentam poderes, dominações, sujeições e resistências”.⁸ Lidar com as narrativas orais nessa perspectiva da história social é trabalhar com elas na ótica de um diálogo que se constrói entre o historiador, que tem suas questões de investigação voltadas para a compreensão do social e seus interlocutores, as pessoas que trazem para o diálogo as

⁸ KHOURY, Yara Aun. O historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: MACIEL, Laura Antunes e outros (Org.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho D'Água, 2006, p. 22-43.

suas experiências, expondo nas suas falas os significados que elas atribuem ao que viveram no passado, à luz do tempo presente ou das inquietações que pautam o cotidiano de cada uma. Citando novamente Khoury, “o trabalho com as fontes orais é um encontro entre pessoas dispostas a dialogar sobre questões que interessam a ambas, embora de maneiras diferentes”.⁹

O trabalho com narrativas orais, em conjunto com outras fontes, tem possibilitado a compreensão do social nas suas transformações, em uma perspectiva que aponta para uma outra relação entre passado/presente invertendo essa equação. Os diálogos que estabelecemos com as pessoas são portadores de sentidos, de subjetividades que necessitam ser analisados como indícios de memórias individuais sobre o vivido, que são, ao mesmo tempo, evidências das relações sociais no hoje e no ontem.

As narrativas orais compõem nossa pesquisa enquanto fontes, ao lado de outras também importantes. As nossas preocupações com a abordagem do tema em estudo centram-se no uso de nossos referenciais e categorias de análise como possibilidades em discussão. Os lugares trazidos pelas memórias são referências de experiências vividas no passado e reinterpretadas no presente das narrativas. A fala, no momento em que é explicitada, está inserida em um contexto ou momento e é dele que se olha para trás. Esse movimento está apoiado em um processo de escolha, onde as pessoas elegem o que lembrar e o que narrar. Essas escolhas se alteram em outros contextos e em outras temporalidades.

Indagando sobre “de que maneira a história oral pode ser uma alternativa crítica, uma presença radical no século XXI?”, Alessandro Portelli afirma:

Acredito na história oral precisamente porque ela pesquisa a memória de indivíduos como um desafio a essa memória concentrada em mãos restritas e profissionais. E penso que parte de nosso desafio é o fato de que realmente encaramos a memória não ape-

⁹ Idem, idem, p. 43.

nas como preservação da informação, mas também como sinal de luta e como processo em andamento. Encaramos a memória como um fato da história; memória não apenas como um lugar onde você “recorda” a história, mas memória “como” história. Nisto é que temos trabalhado constantemente. De um lado, construímos arquivos... porque se trata de um recurso inestimável para que a memória não seja esquecida; de outro, insistindo no fato de que a memória é um processo, algo que está acontecendo agora, do qual todos participamos.¹⁰

Todos nós, historiadores ou não, reconhecemos a importância dos arquivos na preservação de documentos. Eles se organizam a partir da definição de políticas que informam opções do que e porque guardar. Nessas opções uma relação entre história e memória se explicita, mesmo que o trabalho arquivístico seja considerado por muitos como meramente técnico. Toda documentação preservada é imprescindível para o nosso trabalho de investigação histórica, quando as transformamos em fontes, ao lidar com elas enquanto expressões de sujeitos sociais com os quais dialogamos através de seus registros.

A preservação de entrevistas gravadas, em diversos suportes técnicos “de fitas cassetes e DVDs” tem se transformado em uma prática nos arquivos. Muitos são resultados de projetos das próprias instituições, outros são recebidos como resultado de trabalhos desenvolvidos por pesquisadores a partir de suas temáticas específicas de investigação. Não cabe aqui uma análise das implicações dos procedimentos de utilização desse material, também importante, por outros pesquisadores em outras problemáticas de pesquisa. O que ressaltamos é que no uso dessa documentação, na sua consideração enquanto fontes, emergem noções de história e memória que podem ir de posições deterministas à valorização da experiência social.

¹⁰ PORTELLI, Alessandro. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e outros (orgs). *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Fiocruz/FGV, 2000, p. 69.

Essa relação entre memória e história constitui um dos eixos centrais da nossa reflexão sobre fontes orais. Ela se insere na nossa compreensão e na busca de um outro olhar sobre as fontes, entendidas como práticas e/ou expressão de práticas sociais por meio das quais os sujeitos se constituem historicamente. Portanto, falamos de memórias construídas no seu tempo e portadoras de interpretações que emanam dos enredos elaborados por cada um que, por sua vez, serão também os substratos da produção do conhecimento elaborado pelos historiadores. Se entendermos “a história como um processo construído pelos próprios homens, de maneira compartilhada, complexa, ambígua e contraditória, (e) o sujeito histórico não é pensado como uma abstração, ou como um conceito, mas como pessoas vivas, que se fazem histórica e culturalmente, num processo em que as dimensões individual e social são e estão intrinsecamente imbricadas”, como afirma Yara Aun Khoury¹¹, essas dimensões nos levam a valorizar as fontes orais como portadoras de *fatos* que nos possibilitam investigar a complexidade do social para além de sua compartimentalização, observando e explicando alternativas, realizadas ou não, expectativas, desejos e frustrações.

Um estudo sobre a vida e o trabalho dos caminhoneiros¹², motoristas *autônomos*, que não possuem carteira assinada, transportam carga para empresas e recebem por esse transporte, é analisado aqui como uma possibilidade de uso das fontes orais na história social. A proposta, nesse estudo, foi pensar as experiências desses trabalhadores entendendo-os como sujeitos sociais que vivem suas contradições como pessoas, buscando compreender nas relações que constroem como eles refazem valores, reconstroem interpretações sobre o que enfrentaram e, desta forma, nos

¹¹ KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da história social. *Projeto História*, n. 22, São Paulo: EDUC, 2001, p.80.

¹² ROSA, Ivani. *Trilhando caminhos e perseguindo sonhos: histórias e memórias de caminhoneiros*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia, 2006. Orientadora: Profa. Dra. Heloisa Helena Pacheco Cardoso.

informam sobre a dinâmica social vivenciada por eles. São relações com os colegas de trabalho, com os administradores das empresas para as quais prestam serviço, com o sindicato, com a família, com o grupo de amigos do bairro e fora dele, ou em espaços como a igreja, o time de futebol, o bar.

As entrevistas foram feitas com caminhoneiros de idades diferentes, alguns com longos anos de profissão ou aposentados, outros mais jovens, atuando como motoristas há menos de 10 anos. Três esposas de motoristas também participaram deste trabalho, interpretando os seus papéis junto à família, muitas vezes substituindo o marido ausente, tomando decisões importantes sem a sua presença.

Gravadas nos anos de 2004 e 2005, as narrativas abordam as transformações vivenciadas por eles a partir dos anos de 1970, onde percebem, no processo de mudanças do ontem para o hoje, uma “desvalorização profissional”, ou uma “perda de status”, no dizer de alguns. Essas transformações são associadas à má conservação das estradas ou à violência e roubo de cargas que resultam em ameaças à vida. A comparação entre o hoje e o ontem aparece nestes relatos de Nivaldo e Edson:

isso foi antes ainda de 76, só que aquela hora, então, tudo era mais fácil, tinha menos caminhão, tinha muito frete e tudo, e o caminhoneiro tinha valor. Para você ter uma base, que quando meu pai morava na fazenda, ele arrumou um motorista pra puxar uma madeira pra ele e minha mãe foi lá, forrou uma toalha assim pra ele sentar, parecendo que era um doutor, né? Agora hoje você observa bem a vida do caminhoneiro como que é, que é o seguinte: ele chega em uma transportadora pra carregar, atende ele pela janelinha lá, só um buraquim, parecendo que ele é bicho, ali é no sol e chuva, não tem nada,¹³

Porque isso aqui não é vida de gente não, isso é vida de louco. Isso

¹³ Sr Nivaldo Moreira da Silva, casado, 64 anos, caminhoneiro há mais de 30 anos, 30 ago. 2004. Entrevista gravada por Ivani Rosa.

aqui é muito sofrimento, não tem respeito por ninguém. Quando você vai fazer entrega, você parece um cachorro e você é o que mais sofre na estrada pra trazer mercadoria pra eles e você é o mais desprezado em tudo na face da terra. Todo lugar que você vai fazer entrega, você é o mais desprezado. Tem lugar que você não tem lugar de comer, nem de tomar banho, você tem que ficar jogado na rua, eles num atende a gente. Então o que eu sofro na estrada, eu não quero que ele, o filho, passa. Quando quebra, fica no meio do caminho, não tem ninguém pra te ajudar, então, é muito sofrimento. Eu falo pra ele, tenta estudá pra você ganhar a vida mais fácil. Sendo formado em alguma coisa, você vai tendo um retorno do seu estudo. Agora, isso aqui não é vida, nem esse, nem aquele caminhão grande, isso não é vida.¹⁴

Os narradores fazem avaliações do passado a partir do que sentem no presente. Para Nivaldo, o reconhecimento, presença no ontem, é a ausência no hoje, o que leva a uma certa idealização do vivido e, ao mesmo tempo, do que supõe ser o seu valor social não reconhecido agora. No caso de Edson, há uma perspectiva de futuro, projetado no filho, que valoriza a educação formal como caminho para uma “vida de gente”. O sofrimento, o desprezo são avaliações do hoje e sinônimos do seu não reconhecimento social como trabalhador e pessoa.

Trazer narrativas, como as citadas, para o nosso campo de investigação requer pensar como esses narradores se fazem sujeitos no enredo que constroem e como suas experiências individuais nos falam dos significados de processos sociais marcados por aproximações entre companheiros que exerciam, ou exercem, a mesma atividade, como também por tensões e contradições, não só entre eles, como nos diversos espaços que frequentam. O olhar do pesquisador no diálogo com pessoas, feitos nessa perspectiva, nos leva a “observar, de maneira especial, como lidam

¹⁴ Sr Edson Henrique Silvério, tinha 36 anos no momento da entrevista e trabalhava há 7 como caminhoneiro. 27 maio 2005. Entrevista gravada por Ivani Rosa.

com o passado e como este continua a interpelar o presente enquanto valores e referências”.¹⁵

Refletindo sobre a relação entre história oral e as memórias, no evento “Ética e História Oral”,¹⁶ promovido pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, em convênio com o Centro Cultural Banco do Brasil e com o CPDOC do Rio de Janeiro, Alistair Thomson levanta questões importantes sobre esse tema. A primeira delas diz respeito à confiabilidade da fonte oral em nos dizer sobre o acontecido, desprezando a pluralidade de versões fornecidas pelos narradores. Avaliando as mudanças no trato com a história oral nas últimas décadas, critica os historiadores que a veem de forma estática e isolada, observando que “na tentativa de eliminar as tendências e fantasias, alguns profissionais descuidavam-se das razões pelas quais as pessoas constroem suas memórias de modo específico e não conseguiam enxergar como o processo de afloramento de lembranças poderia ser a chave para ajudá-los a explorar os significados subjetivos das experiências vividas e a natureza da memória individual e da memória coletiva”.¹⁷

Essa afirmativa coloca no centro das nossas preocupações os “processos de afloramento de lembranças”, termo usado pelo autor, quando os significados do presente e do passado expressos pelas pessoas são construções que permitem a elas se situarem no interior de experiências sociais mais amplas. Nessa pers-

¹⁵ KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro e outros (Org.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'Água, 2004, p.118.

¹⁶ O evento resultou na publicação do número 15 da revista Projeto História, vinculada ao Departamento de História da PUC-SP, referente ao primeiro semestre de 1997. Neste número, que tem como tema Ética e História Oral, encontramos contribuições de Alessandro Portelli, Alistair Thomson, Mary Marshall Clark, Lutz Niethammer, entre outros, apresentando caminhos metodológicos diferenciados, às vezes divergentes, no trato com a história oral.

¹⁷ THOMSON, Alistair. Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. *Revista Projeto História*. São Paulo: EDUC, n. 15, abr. 1997, p. 51-71.

pectiva, a confiabilidade perde o seu sentido de exatidão para ser substituída pela procura das representações sobre o passado que se ajustam às aspirações atuais de quem narra, gestadas nas vivências de cada um.

Outra questão importante refere-se à relação entre o pessoal, foco do processo de lembranças, e o social, que nos remete a pensar como as histórias lembradas compõem um universo do que é aceito no grupo no qual nos identificamos e do qual falamos nas nossas narrativas como ponto de identificação também do outro. Essa relação se pauta na busca do *reconhecimento*, noção que nos ajuda a compreender como o individual se insere no social. Para Thomson, “reconhecimento é um termo apropriado para descrever o processo de afirmação pública de identidades e reminiscências. O reconhecimento é essencial para a sobrevivência social e emocional; a alienação e a exclusão como alternativa pode ser algo psicologicamente devastador. Podemos buscar o reconhecimento em outras comunidades ou relacionamentos mais empáticos, mas nossas reminiscências precisam ser apoiadas pelo reconhecimento público e, portanto, são compostas de modo a serem reconhecidas e confirmadas”.¹⁸

O outro lado do reconhecimento são os silêncios, ou as lembranças minimizadas e reprimidas, que podem emergir em determinadas situações ou serem apagadas em outras. Se a confiabilidade, a que fizemos referência anteriormente, não significa buscar a veracidade do acontecido, ouvir a voz desses silêncios que ecoa esporadicamente, ou que emergem em situações específicas do contar, pode nos dizer muito das experiências vividas pelas pessoas ou por grupos na dinâmica social onde estão inseridos. Falar da família, do trabalho, das atividades políticas, dos espaços de convivência na igreja ou no time de futebol é dizer relações entre as dimensões individuais e as socialmente constituídas e da forma como elas se expressam em linguagens, que significam a exteriorização do que foi introjetado na interpretação de cada um.

¹⁸ *Ibidem*, p. 58-59.

Voltemos às narrativas dos caminhoneiros. Nas suas falas, independente da idade, a família aparece como um valor a ser preservado. As ausências prolongadas tornam o retorno à casa algo significativo, acentuado pelo fato de que as permanências na cidade onde moram é por um período muito curto, o que os leva a destacar a família, ao lado do trabalho, como lugares onde se reconhecem como sujeitos. Emanuel, casado, pai de 2 filhos, expressa esse sentimento:

Ah, na saída é difícil. Isso aí é igual [...] quando você carrega a carga, procê sai é difícil. Igual procê sai de casa, igual minha menina de cinco anos lá, você sai até com o coração partido: “ Ah pai, não vai não! Começa a chorar, aí você já sai meio com o coração partido, mas tem que viajar, né? Te carregado, você tem um prazo pra entregar a carga. E nisso vai, até você andar as duas primeiras horas você sai meio traumatizado, mas depois você não tem jeito de voltar, você tem que ir, aí você vai conscientizando que você tem que ir, vai...”¹⁹

A emoção do relato serve, neste caso, para ressaltar a sua responsabilidade de trabalhador, que não pode atrasar a entrega da mercadoria, porque isso poderia significar uma nódoa na sua reputação de bom caminhoneiro frente a empresa para a qual presta serviço. Aqui parece ser o trabalho que possibilita o seu reconhecimento social e, nele, a família torna-se um apoio importante. Ao mesmo tempo a relação entre trabalho e vida transforma-se em um espaço de tensão.

D. Neusa, com mais de 70 anos de idade, fez questão de participar da entrevista com seu marido, o Sr. Odilon, como que para mostrar que a sua presença na atividade de trabalho do esposo se fez de forma direta, embora ela não estivesse na boleia do caminhão:

É, exerci na vida né, ensinando ele, cuidando das coisas da gente,

¹⁹ Emanuel Bento Militão. 27 maio 2005. Entrevista gravada por Ivani Rosa.

né? Hoje em dia, por exemplo, se não fosse eu, talvez a gente não tinha nem uma casa pra morar. Mas é, sempre eu tive muito pé no chão mesmo, né? Então sempre controlei muito.

Ele nunca soube. Ele comprava carro, toda vida ele não sabia nem os dias dos vencimentos dos carros. Se deixasse passava tudo por cima. Ele só fazia trabalhar, mas cuidar de tudo assim, ele nunca soube cuidar.

Estes podem ser considerados momentos em que os silêncios foram rompidos e D. Neusa exterioriza ao pesquisador a avaliação que faz de si mesma. Nas memórias sobre o passado explicitadas pelo caminhoneiro em diversas ocasiões, ela compartilha lembranças e se coloca como trabalhadora, dividindo com o companheiro as tarefas da profissão, os embates enfrentados no controle do orçamento doméstico ou nas opções para realizar o que ela chama de “uma vida tranquila na velhice”.

Para essas pessoas que se dispuseram a conversar sobre suas vidas com outros, o espaço da entrevista é um lugar onde elas se reconhecem e são reconhecidas como sujeitos sociais, que têm histórias a nos contar, que falam dos acontecimentos com a autoridade de quem os vivenciou, mostrando-nos dimensões desse espaço público onde as relações sociais são constantemente reconstruídas. Fazem isto não como passado preservado, relatado no hoje, mas como experiências reelaboradas em nas suas trajetórias de vida que as levam a olhar o passado a partir do que já enfrentaram e foram capazes de construir.

Para nós, historiadores, essas narrativas são fontes nas quais acontecimentos e significações aparecem de forma imbricada, considerando as próprias significações como evidências passíveis de interpretação. Debruçar sobre elas nos leva a entender processos de constituição do que foi vivido e interpretado, nas suas diversidades, questionando visões lineares e/ou homogêneas produzidas por um certo conhecimento histórico que, também, heroiciza o passado.

Recebido em setembro de 2009

Aprovado em outubro de 2009